

UMA UNIDADE DE MULTIPLICIDADE: CATEGORIAS E TEÓRICAS ÂNCORAS EM ARTIGOS DO MAPA BIBLIOGRÁFICO DE GRAMSCI – IGS/BR

A UNIT OF MULTIPLICITY: ANCHOR THEORITICAL CATEGORIES IN GRAMSCI BIBLIOGRAPHIC MAP ARTICLES - IGS/BR

Silmara Carneiro e Silva*

Marli de Freitas Mendes**

Luis Jesús Teneú Navarro***

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo identificar as categorias teóricas âncoras para as análises dos artigos do Mapa Bibliográfico de Gramsci no Brasil que têm como categorias centrais Trabalho e taylorismo/fordismo, classes e grupos subalternos, intelectuais e revolução passiva. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de 15 artigos que retratam essas categorias. Como resultados da pesquisa, verificou-se uma maior incidência da categoria hegemonia como âncora das discussões, o que a despeito da presença de outras categorias também importantes para a ancoragem múltipla das discussões realizadas pelos autores, confirma-se, uma vez mais, a categoria hegemonia como uma das principais chaves de leitura do pensamento de Antonio Gramsci. A unidade multiplicidade que se constitui o seu pensamento, é também confirmada, neste trabalho, ao se considerar a pluralidade de outras categorias teóricas que incidiram como âncoras das análises nos artigos pesquisados.

Palavras-chave: categorias teóricas gramscianas; unidade de multiplicidade; hegemonia, Mapa bibliográfico de Gramsci – IGS/BR.

ABSTRACT

The present work aims to identify the theoretical anchor categories for the analysis of Gramsci 's Bibliographic Map in Brazil, whose central categories are Labor and Taylorism/Fordism, subaltern classes and groups, intellectuals and passive revolution. It is a bibliographical research of 15 articles that depict these categories. As a result of the research, there was a greater incidence of the category hegemony as an anchor of the discussions, which, despite the presence of other categories also important for the multiple anchoring of the discussions carried out by the authors, confirms, once again, the category hegemony as one of the main keys to reading the thought of Antonio Gramsci. The multiplicity unit that constitutes his thought, is also confirmed in this work, considering the plurality of other categories that served as anchors of the analysis in the articles researched.

Keywords: gramscian theoretical categories; multiplicity unit; hegemony, Bibliographic map of Gramsci - IGS/BR.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de um conjunto de reflexões sistematizadas a partir da experiência dos

pesquisadores/autores no Núcleo de Pesquisa Estado, Políticas Públicas e Práticas Sociais – NEPPS da Universidade Estadual de Ponta Grossa -UEPG, o qual é constituído por profissionais de diversas áreas, que

* Doutora em Serviço Social e Política Social pela Universidade de Londrina

** Mestranda em Ciências Sociais Aplicadas na Universidade Estadual de Ponta Grossa

*** Mestrando em Ciências Sociais Aplicadas na Universidade Estadual de Ponta Grossa

possuem objetos de pesquisa, que perpassam por elementos teórico-práticos tratados pela obra gramsciana.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida no decorrer do segundo semestre do ano de 2017 e primeiro semestre do ano de 2018, tomando como parâmetro de pesquisa o Mapa da Bibliografia do Gramsci no Brasil, da “International Gramsci Society do Brasil” – IGS-BR. Indagou-se, inicialmente, quais as principais categorias teóricas gramscianas presentes nas produções de conhecimento citadas no respectivo mapa. Diante de tais questionamentos, a pesquisa teve por objetivo analisar as incidências de diferentes categorias teóricas gramscianas presentes no mapa.

Os resultados da investigação buscaram contribuir para a visibilidade dos estudos na perspectiva gramsciana no campo das Ciências Sociais Aplicadas no país. Considerando a necessidade da acessibilidade ao inteiro teor da produção para a definição do universo a ser pesquisado e ainda buscando eleger um conjunto de produções que fosse homogêneo, em seu formato, definiu-se como universo da pesquisa o conjunto de artigos, devidamente citados no mapa e disponíveis on-line, ao que se chegou a um total de 89 produções. Nestas, foram identificadas as principais categorias trabalhadas pelos artigos, respectivamente nesta sequência quantitativa de incidência: Hegemonia: 21 artigos; Educação: 14; Estado e Sociedade Civil: 14; História e Política: 12; Intelectuais: 7; Filosofia da Práxis: 5; Classes e grupos subalternos: 6; Cultura: 3; Vontade Coletiva: 2; Partido Político: 1; Ideologia: 1; Revolução Passiva: 1; Trabalho, Taylorismo, Fordismo: 1; Outros: 1. Decorreram deste levantamento quantitativo a produção de artigos que sistematizaram a primeira etapa da pesquisa, ou seja, todo o processo desenvolvido para se chegar a um panorama geral da produção/artigos e suas especificidades. Foram elaborados, ainda, artigos sobre determinados conjuntos de categorias, que identificadas na pesquisa foram agrupadas por apresentarem indícios de unicidade na utilização de algumas das categorias gramscianas, que se mostraram, após o estudo, categorias âncoras diante da multiplicidade das reflexões que compunham a amostra de artigos estudada.

Dentre esses artigos, o presente trabalho, trata em especial, da análise de 15 artigos, sendo este seu universo de análise, os quais abordaram, no conjunto, 4 categorias teóricas gramscianas. São elas: Taylorismo/Fordismo (1), Classes e grupos subalternos (6), Intelectuais (7) e Revolução Passiva (1). O objetivo do trabalho é identificar quais as categorias

teóricas gramscianas incidem como âncoras para a discussão desse conjunto de categorias que compõem nos artigos selecionados. Não houve processo de seleção de amostra. A análise dos dados se deu a partir do instrumento de análise de dados por categoria, conforme Minayo (2010). Como resultado da análise verificou-se que a categoria hegemonia comparece com a maior incidência como categoria âncora; ou seja, como chave de leitura nos artigos pesquisados. Além dela, um conjunto de múltiplas categorias teóricas gramscianas também compareceram como âncoras para a construção das reflexões propostas pelos autores. Este resultado confirma uma unidade de multiplicidade na ancoragem teórica das produções do Mapa Bibliográfico de Gramsci no Brasil, cuja centralidade é determinada por uma de suas categorias chave para a análise da realidade.

CATEGORIAS TEÓRICAS ÂNCORAS: EXPRESSÕES DA UNICIDADE DE MULTIPLICIDADE NO PENSAMENTO DE ANTONIO GRAMSCI

Uno somente por que distinto, distinto somente porque uno. Gramsci iniciou seus estudos através da interpretação idealista hegeliana de Benedetto Croce. Em Croce a dialética se dá pela relação de unidade-distinção. (BIANCHI, 2007). Entretanto, Gramsci superou esta dialética ao recusar o seu caráter especulativo, que restringe a dialética histórica a uma alternativa de formas puras do conceito, e “[...] sem rejeitar a idéia de que no interior de uma unidade seja possível encontrar não apenas opostos, como também distintos” (BIANCHI, 2007, p. 44). Gramsci, portanto, “[...] construiu a base epistemológica de sua interpretação dialética numa perspectiva de identificação-articulação. (SILVA, 2014). Esta identificação-articulação indica a recepção de Gramsci à noção de unidade de diversidade, que é própria da dialética marxiana. Neste sentido, as categorias gramscianas experimentam desta identificação-articulação.

A obra gramsciana é produto desta síntese de unidade de multiplicidade. Esta se expressa no modo como distintas categorias teóricas elaboradas pelo autor se comportam de maneira articulada, se expressando como categorias âncoras para análise de outras categorias presentes no conjunto da obra gramsciana, conforme propostas pelos artigos estudados, neste trabalho. Esta constatação pode ser aferida no quadro a seguir.

Quadro 01 – Categorias teóricas gramscianas âncoras nos artigos pesquisados, do mapa bibliográfico IGS/BR – Brasil – 2018.

Artigo	Categorias gramscianas âncoras	Categorias centrais	Número de artigos
1. De demiurgo a operário: uma análise gramsciana do trabalho sob o taylorismo/fordismo	Hegemonia Industrial	Trabalho, Taylorismo e Fordismo	1
1. Classes sociais e grupos subalternos: distinção teórica e aplicação política	Bloco Histórico Estrutura Superestrutura Sociedade Política Sociedade Civil Estado Integral Hegemonia Partido	Classes e grupos subalternos	6
2. Classes subalternas, lutas de classe e hegemonia: uma abordagem gramsciana	Estado Sociedade Civil Hegemonia Intelectuais Bloco Histórico Cultura, Senso Comum		
3. Da sociedade de massa à sociedade civil: A concepção da subjetividade em Gramsci	Democracia Sociedade Civil		
4. Gramsci e os movimentos populares: uma leitura a partir do Caderno 25	Hegemonia Estado		
5. Thompson e Gramsci: História, política e processos de formação	Historicismo Política Educação		
6. Gramsci e a emancipação do subalterno.	Classe Operária Senso Comum Folclore Religião		
Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política	Hegemonia Escola Intelectual Orgânico	Intelectuais	7
2. Gramsci e o papel dos intelectuais nos movimentos sociais.	Educação Revolução passiva Intelectual Orgânico		
3. A “classicidade” de Gramsci e o tema dos intelectuais.	Hegemonia Revolução Passiva Americanismo		
4. A questão dos intelectuais em Gramsci.	Hegemonia Política Escola Revolução passiva		
5. Intelectualidade, política e produção do conhecimento: desafios ao Serviço Social.	Hegemonia História Educação Política		
6. Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade.	Cultura História Política Classes Subalternas		
7. II Príncipe e seus contratempos: De Sanctis, Croce e Gramsci.	Renascimento Reforma		
1. A geopolítica do sistema de estados e o capitalismo global em questão	Americanismo Fordismo	Revolução passiva	1

Fonte: Mapa Bibliográfico do Gramsci no Brasil – IGS-BR

Org.: os autores

Do conjunto dos artigos analisados verificou-se que a categoria hegemonia foi a que mais compareceu como categoria teórica âncora para a construção das análises propostas pelos autores, com 8 incidências, entre os artigos que apresentaram como categorias principais: no artigo sobre trabalho, taylorismo e fordismo, em 3 artigos dos 6 de classes e grupos subalternos e em 4 dos 7 artigos cuja categoria central era intelectuais. Na sequência constatou-se que a categoria 'política' compareceu com âncora em 4 artigos, sendo em 3 artigos que abordaram a categoria intelectual como central e 1 em artigos que abordaram classes e grupos subalternos. Com 3 incidências entre o conjunto de artigos constatou-se as categorias Sociedade Civil e Estado, nos artigos de classes e grupos subalternos; e Educação, Historicismo e História, com maior incidência nos artigos do conjunto dos que abordaram intelectuais e Revolução Passiva, com exclusividade nos de intelectuais. Com duas incidências, no conjunto dos artigos verificou-se as categorias: bloco histórico e senso comum, com incidência apenas nos artigos de classes e grupos subalternos; cultura, escola e intelectual orgânico nos artigos de intelectuais; e americanismo, nos artigos sobre intelectual o no de revolução passiva. As demais categorias, que comparecem no quadro 1, obtiveram apenas uma incidência entre o conjunto dos artigos analisados. São elas: classe operária, folclore, religião, renascimento, reforma e fordismo.

DA MULTIPLICIDADE DAS ABORDAGENS À UNIDADE DO PENSAMENTO DE ANTONIO GRAMSCI: TECENDO A ANÁLISE DA ANCORAGEM TEÓRICA DOS ARTIGOS

A seguir faremos a apresentação da análise da ancoragem teórica do conjunto dos artigos, ou seja, das categorias gramscianas que dão sustentação para a reflexão proposta, seguindo a sequência de exposição conforme quadro 1. Desta forma, inicialmente, será realizada análise do artigo que retrata como categorias centrais trabalho, taylorismo e fordismo, depois dos 6 artigos sobre classes e grupos subalternos, seguida pela análise dos 6 artigos que abordaram como categoria central intelectuais e, por fim, a análise do artigo que a revolução passiva foi a categoria central. Neste processo, buscamos reconhecer os nexos construídos

pelos diferentes autores para a produção de seus trabalhos, a fim de identificar, no desenvolvimento de suas produções, demais categorias gramscianas que contribuíram para a produção do conhecimento, em sua totalidade. Ou seja, onde se pretende chegar é a reprodução sistemática, do ponto de vista do conjunto, da unicidade, presente nos elementos que, num primeiro plano, aparecem nos artigos, como multiplicidade.

A análise que se propõe tem 'em si' e 'para si' uma dimensão crítica. Crítica aqui, entendida no sentido aferido por Netto (2011) ao defini-la na perspectiva da teoria social de Marx, ou seja, no sentido de trazer à consciência os fundamentos da realidade. (NETTO, 2011). "*Em si*", pois considera a importância de corroborar com a necessária tomada de consciência acerca da 'unicidade' presente na 'multiplicidade' que é obra de Antonio Gramsci, e "*para si*", na medida em que este processo é parte elementar na luta por uma interpretação da realidade, sem misticismos de qualquer natureza, na qual a 'filosofia da praxis' seja fortalecida como fundamento teórico-prático necessário em vista de uma sociedade justa, por quê formada por homens emancipados.

Através da leitura realizada do artigo 'De demiurgo a operário: uma análise gramsciana do trabalho sob o taylorismo/fordismo', elaborado por Geraldo Augusto Pinto, identificou-se como objetivo principal expor e discutir pontos da análise de Gramsci, do livro 'Americanismo e Fordismo', com o intuito de demonstrar sua vigorosa crítica e atualidade. Para o embasamento teórico do artigo, Pinto (2012, p.135), faz referência à obra de Gramsci, para apresentar taylorismo/fordismo, na sua aparência fenomênica e em essência.

[...] taylorismo/fordismo, desvendando, por trás de sua aparência fenomênica enquanto simples conjunto de métodos de organização do trabalho, sua essência enquanto projeto societal, elaborado pela intelectualidade orgânica da burguesia industrial com um conjunto de princípios que deveriam persuadir e coagir os trabalhadores pela introjeção de um ideário e de um modo de vida adequados às necessidades da industrialização de massa emergente. (PINTO, 2012, p. 135).

Em um primeiro momento o autor se utiliza deste argumento teórico para expor e discutir sobre as categorias as quais se propõe no artigo. Em seguida contextualiza, Frederick Taylor e Henry Ford, e

caracteriza os processos correspondente a cada um deles, elucidando que sem os seus experimentos não se teria chegado a concepção de produção seriada de massa (PINTO, 2012, p.136). Outra relação importante que Pinto (2012) traz em seu trabalho é o item III ‘A grande família industrial’. Neste item, o autor dispõe sobre as várias atividades de transformação e atuação dos trabalhadores dentro do processo fordista. De acordo com Pinto (2012, p. 137), não bastava os trabalhadores apenas se submeterem à linha de série. Os candidatos deveriam comprovar que seguiam um estilo de vida que aprovesse a Henry Ford. Esta citação nos remete ao conceito de fordismo. Neste, Baratta (2017, p. 314) in Liguori; Voza (2017) apresenta o fordismo, na concepção gramsciana, como uma filosofia social e de vida. Para o autor, o fordismo “[...] tem como meta o alcance de um ‘equilíbrio psicofísico’ do novo tipo de trabalhador, o operário-massa, que, porém, nas condições dadas pelo modo capitalista de produção, não pode deixar de ‘ser puramente exterior e mecânico’” (BARATTA, 2017, p. 314) in (LIGUORI; VOZA, 2017)

As categorias foram abordadas pelo autor, desde a sua definição à sua relação com a atualidade. De acordo com Pinto (2012, p. 138), o fordismo abrangia a hegemonia industrial, esta que esperava do operário a máxima produtividade, englobando inspeções no ambiente familiar. Como embasamento teórico para esta discussão Pinto (2012) faz referência a Gramsci, quando este retrata que os industriais não se preocupavam com a humanidade e espiritualidade dos operários, mas no quê, a influência do ambiente familiar, afetava no nível de sua produtividade (PINTO, 2012, p.138).

Além de utilizar Gramsci para a discussão teórica, o autor faz referência a Karl Marx, no que concerne a categoria trabalho. De acordo com Pinto (2012, p. 140),

[...] retirando-se do sujeito a concepção e a finalidade do seu trabalho e lhe impondo, de forma unilateral, operações mentais e corporais marcadas por tempos e movimentos alheios à sua vontade, promove-se não apenas um esmagamento brutal de sua corporeidade, como, sobretudo uma esfera na alienação de sua subjetividade, por meio de uma inversão ontológica que o destitui como sujeito de sua criação, desumanizando-o, por conseguinte.

Pinto (2012) faz referência a Karl Marx afim de contextualizar as referências utilizadas por Gramsci,

quando este fez sua análise sobre as categorias fordismo/taylorismo. Deste modo, Pinto (2012, p.141), cita Gramsci (1991, p. 398), ao afirmar que as iniciativas ‘puritanas’ só têm objetivo de conservar, fora do trabalho, um determinado equilíbrio psicofísico que impeça o colapso fisiológico do trabalhador. Nota-se, na opção realizada por Pinto (2012) em fazer referência à categoria trabalho em Karl Marx, um lapso em relação à abordagem do próprio Gramsci sobre a referida categoria. Este, lança mão da categoria trabalho, de acordo com Frosini (2017) in Liguori e Voza (2018, p. 777),

[...] por meio da análise das transformações do trabalho introduzidas pela afirmação do fordismo, com o controle da sexualidade como parte do processo de produção (Q 1, 63, 74; Q 1, 158, 139; Q 4, 52, 489) e, em geral, com a afirmação da centralidade da produção na sociedade, segundo uma modalidade funcional ao fortalecimento à expressão do capitalismo.

Desta referência, verifica-se que em Gramsci estão presentes as relações existentes entre o controle da produção e o controle da vida privada do trabalhador, sendo este último elemento necessário e condizente com o primeiro. Com efeito, há uma complementariedade entre a primeira aproximação e a segunda.

Na sequência, foram analisados os artigos produzidos que contemplaram a categoria gramsciana ‘classes e grupos subalternos’. O primeiro artigo analisado, dos que incidiram na respectiva categoria, foi ‘Classes Sociais e grupos subalternos: distinção teórica e aplicação política’, produzido por Leandro Galastri. Para definição da categoria grupos subalternos Galastri (2014), utilizou de autores que realizaram de leitura semelhante à de Gramsci, sendo eles: Del Roio (2007), Daniel Bensaïd (2010), Thompson (1987), Burgio (2003), Poulantzas (1977), Olin Wright (1985). De acordo com Galastri (2014, p. 35), o objetivo do trabalho foi apresentar o modo como Gramsci associa o conceito de ‘classes sociais’ àquele de ‘grupos subalternos’ e, como tal associação, pode ser aplicada à análise política das relações de força na sociedade capitalista.

De acordo com Galastri (2014), classes sociais não são grupos empiricamente delimitáveis em qualquer tempo e espaço, nem simplesmente conjuntos de indivíduos localizáveis numa posição específica

no processo de produção material da sociedade. Já a definição para a categoria grupos subalternos, Galastri (2012, p.44), cita Green (2007, p. 202), o qual afirma que Gramsci estuda os grupos subalternos mediante três tipos de abordagem:

[...] o desenvolvimento de uma metodologia de historiografia subalterna; a produção em si de uma história das classes subalternas; a elaboração de uma estratégia política de transformação apoiada no desenvolvimento histórico e na existência dos subalternos.

No decorrer do artigo Galastri (2014) procura dialogar sobre a unidade existente entre as categorias classes sociais e grupos subalternos. Para isso, o autor engloba no corpo do texto outras categorias que dialogam com as categorias classes sociais e grupos subalternos. As categorias identificadas foram: bloco histórico, estrutura, super-estrutura, sociedade política, sociedade civil, estado, estado integral, hegemonia, partido político.

O artigo ‘Classes subalternas, lutas de classe e hegemonia: uma abordagem gramsciana’, elaborado por Ivete Simionatto, teve como objetivo resgatar o conceito de classes subalternas, de acordo com Antonio Gramsci, e sua relação com as categorias, Estado, sociedade civil e hegemonia.

Através da leitura identificou-se que a autora do artigo utilizou para o embasamento teórico do trabalho as referências dos Cadernos do Cárcere. Atevese, inicialmente, à relação entre as categorias classes subalternas, Estado e sociedade civil, e como estas se interligam. De acordo com Simionatto (2009, p. 42)

Para Gramsci, o Estado ‘anula muitas autonomias das classes subalternas’, pois a ‘ditadura moderna’ ou contemporânea, ao mesmo tempo em que suprime algumas ‘formas de autonomia de classe, empenha-se em incorporá-las na atividade estatal: isto é, a centralidade de toda a vida nacional nas mãos das classes dominantes torna-se frenética e absorvente’ (GRAMSCI, 1977, p. 303), e nesse processo, torna indistintas as diferenças de classe, fortalecendo a subalternidade.

Dessa forma, de acordo com Simionatto (2009, p.42), a sociedade civil é incorporada à esfera estatal e ocorre de diferentes formas, especialmente para a formação da opinião pública para o crescente fortalecimento da hegemonia.

Além das categorias elencadas no objetivo, foram identificadas no artigo as categorias intelectuais, bloco histórico, cultura, hegemonia, senso comum. No âmbito da análise destas categorias Simionatto (2009, p. 44) relaciona, primeiramente, o senso comum com a filosofia da práxis. Esta é apresentada pela autora como a categoria que representa o caminho de superação das visões fragmentadas; ou seja, é o caminho para a elevação do senso comum ao bom senso. Com relação as categorias cultura e hegemonia, de acordo com Simionatto (2009, p. 45), a cultura é apontada por Gramsci como um dos elementos fundamentais na organização das classes subalternas, capaz de romper com sua desagregação e abrir caminhos para a construção de uma vontade coletiva.

O artigo “Da sociedade de massa à sociedade civil: a concepção da subjetividade de Gramsci”, elaborado por Giovanni Semeraro, teve como objetivo expor a concepção original de sociedade civil estabelecida por Gramsci. A construção do artigo teve como subtópicos: a nova política do protagonismo das massas; além do economicismo e do estatismo e as raízes da democracia na sociedade civil. Nele, a categoria classes e grupos subalternos, comparece permeada por este universo subjetividades, que se engendra em meio às relações entre a sociedade de massa e a formação da sociedade civil.

Primeiramente Semeraro (1999), elabora o contexto histórico o qual fundamenta o princípio das discussões que englobam a sociedade civil e que, conseqüentemente, fundamenta os argumentos utilizados em seu trabalho. Para isso o autor cita Gramsci, Hegel, Nietzsche, Ortega y Gasset, G. Sorel.

No segundo item do artigo, de acordo com Semeraro (1999, p. 73), o ponto central das reflexões de Gramsci se prende à formação de novos sujeitos sociais que visam a construção de um projeto de sociedade aberto à participação de todos os trabalhadores. E, por meio dessa afirmação, Semeraro (1999) inicia sua discussão sobre a democracia e a sociedade civil, e afirma que as origens do conceito de sociedade civil estão relacionadas com a tradição política burguesa e liberal (SEMERARO, 1999, p. 75).

O artigo “Gramsci e os movimentos populares: uma leitura a partir do caderno 25”, elaborado também por Giovanni Semeraro, teve como objetivo analisar o Caderno do Cárcere nº 25, afim de relacionar as proximidades e as diferenças entre os significados de

grupos subalternos e a configuração de movimentos populares. O autor ateu-se somente às categorias grupos subalternos e movimentos populares, não realizando a interlocução com outras categorias de Gramsci. No entanto, utilizou dos Cadernos do Cárcere nº 3, 6, 8, 13, 19. Por meio da análise realizada identificou-se que o autor enfatizou a discussão nos movimentos populares e retomou a questão dos grupos subalternos, somente ao final do artigo. De acordo com Semeraro (2014, p.73), na interlocução que os movimentos populares vêm estabelecendo com seus escritos, estes conferem renovados sentidos à política, à revolução, à democracia, à educação e promovem uma compreensão mais rica na concepção de hegemonia, de Estado, chamando a reconstrução do contexto histórico a repensar a relação com os grupos subalternos.

O artigo “Thompson e Gramsci: história, política e processos de formação”, elaborado por Carlos Eduardo Vieira e Marcus Aurélio T. de Oliveira, teve como objetivo refletir sobre a centralidade conferida pelas obras de Antonio Gramsci e Edward Thompson, à política, à cultura e à formação humana. Este artigo apresenta o historicismo, como categoria gramsciana âncora para a análise. Em que pese neste artigo o historicismo ter sido tomado pelos autores, como um ponto de inflexão nas obras de Gramsci e Thompson. Segundo Cacciatore (2017) Liguori e Voza (2017) o historicismo em Gramsci possui uma dupla função, a de oferecer uma visão não rigidamente esquemática da historicidade – aquilo que está na base da filosofia da práxis – e a da consciência do caráter múltiplo e variado da experiência do mundo humano. Neste sentido, o historicismo comparece como uma categoria fundamental para a devida interpretação da história das classes subalternas, enquanto experiências múltiplas. Segundo Vieira e Oliveira (2010, p. 536) tanto Gramsci, quanto Thompson, através de uma produção do conhecimento historicista “[...] tomam a realidade como processo, como constante tensão entre o poder estruturante das forças estruturais e o papel ativo do sujeito na História.” Neste sentido, perpassam o texto os fundamentos da política, da cultura e da educação, como elementos cruciais ao entendimento do caráter múltiplo e variado do mundo, e de suas possibilidades de transformação.

Para finalizar o conjunto de artigos que retratam a noção de classes e grupos subalternos em Gramsci, o artigo de Marcos Del Roio (2007) “Gramsci e a

emancipação do subalterno”, como o próprio título anuncia, aponta para uma análise do pensamento gramsciano em vista de sua atualidade para a reflexão das possibilidades de emancipação das classes e grupos subalternos. A argumentação apresentada por Del Roio (2007) perpassa a utilização das categorias classe operária, senso comum, folclore e religião, sendo estas consideradas aqui, as categorias âncoras para a análise proposta, pois dão sustentação para as conclusões do autor, que indica a atualidade do método em Gramsci, a despeito de “[...] sua obra ter sido mal-entendida ou mesmo manipulada, assim como categorias que foram de seu uso encontraram outros usos que em nada coincidiam com os objetivos do autor sardo.” (DEL ROIO, 2007, p. 78). Para tanto, o autor enfatiza a necessidade do confronto a usos da filosofia da práxis como folclore. Os grupos subalternos, na visão de Del Roio (2007) ao interpretar Gramsci, que escrevia examinando a sua época, possui semelhanças significativas com o mundo de hoje, quando se fala em crise do movimento operário, crise da sociedade do trabalho, do fordismo, e quando é colocada em discussão a própria existência da classe operária. (DEL ROIO, 2007).

Do conjunto de artigos que incidiram na categoria classes e grupos subalternos, em síntese constatou-se a interligação entre as noções de classes sociais e grupos subalternos, em Galastri (2014); em Simionatto (2009) a sociedade civil enquanto parte da esfera estatal aparece como um fenômeno diversificado, voltado à formação da opinião pública para o fortalecimento da hegemonia e a superação da fragmentação própria das classes subalternas. Em Semeraro (1999) há um tensionamento do universo das subjetividades, como elemento necessário à interpretação das relações entre sociedade de massa e a formação da sociedade civil. Em Semeraro (2014) aparece o necessário repensar a relação com os grupos subalternos como elemento para uma mais rica compreensão da hegemonia e do Estado e em Vieira e Oliveira (2010) comparece o historicismo em sua dupla função – como uma categoria âncora à compreensão da leitura da história dos grupos subalternos. Em Del Roio (2007) a categorias classe operária, senso comum, folclore e religião comparecem como categorias âncoras de sua argumentação, na medida em que confronta as interpretações atuais, para as quais a própria classe operária, já não existe mais.

A seguir passou-se às análises dos artigos que incidiram sobre a categoria intelectuais como categoria teórica central para a análise. Destes verificou-se que o artigo “Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política”, produzido por Marcos Francisco Martins (2011) explica que o conceito de intelectual está ligado à hegemonia, porque é através da ação de intelectuais e sua relação com a formação, onde a escola desempenha um papel fundamental, que estabeleceu hegemonias e os valores da classe dominante são transferidos para as classes dominadas.

Para marcar o contexto histórico, o Martins (2011) explica como o nascimento recente da Itália, e as diferenças entre o norte e sul, marcarão a vida política dos países europeus no início do século XX, como o norte capitalista próspero, tenta impor-se culturalmente para a cultura agrícola e tradicional do sul, e como essas diferenças são usadas por alguns intelectuais, principalmente representantes do fascismo, para divulgar sua ideologia e penetrar nos setores dominante e subalterno. Também marca a influência marxista sobre o conceito de intelectual desenvolvido por Gramsci, para deixar claro o seu papel a favor da criação da classe dominante, e a importância de tomar os intelectuais orgânicos, conforme a perspectiva gramsciana, para permear os valores contra-hegemônicos nas classes subalternas e conseguir forjar a revolução que reverta a hegemonia estabelecida. Da forma como o papel político dos intelectuais é tratado, neste trabalho, na condição de intelectual tradicional, diferentemente do intelectual orgânico, o seu papel serve para organizar o estabelecimento de hegemonias, desprezando o papel das classes subalternas nesse processo.

O artigo de Jordana Souza Santos “Gramsci e o papel dos intelectuais nos movimentos sociais” (2009), explica em detalhes a visão dos intelectuais em Gramsci, pois parte da própria biografia do autor, de sua humilde origem na Itália, e da conjuntura que ele teve que viver. Explica as influências de Gramsci e como sua visão, de Lenin, o leva a levantar a necessidade de um partido trabalhista para o desenvolvimento de uma revolução na Itália, diante da ascensão do fascismo. Destaca ainda o fascismo como um movimento que pode ser visto como uma revolução passiva, apoiado por intelectuais tradicionais ligados à igreja e à burguesia dominante. Explica também

a influência do processo de reunificação italiana na política do país e como o norte vê com desprezo o sul camponês e a inteligência do sul; formado pelas classes dominantes, não representa as aspirações do povo. Desenvolve em detalhe o conceito de intelectual orgânico, aquele que pertence a uma cultura e ou mantém com ela um vínculo fortalecido, e por isso pode influenciá-la, mas além de destacar seu papel político, destaca sua relação com a cultura e como facilitador de sua organização. Para reforçar os conceitos, Santos (2009) discute a categoria educação, detalhando o funcionamento do movimento estudantil e explicando seu papel. Assim, embora se possa perceber em alguns setores como negativa a filiação a partidos políticos dos líderes do movimento estudantil por deixar em segundo plano as questões estritamente acadêmicas, na verdade constitui um ato de organização social, de luta por ideias e abordagens e entendimento com os setores, que deve ser o principal objetivo de qualquer movimento social.

O artigo “A ‘classicidade’ de Gramsci e o tema dos intelectuais” de Alberto Aggio (2010) começa expressando dúvidas sobre a validade de considerar Gramsci um autor clássico. O autor recorda as duas controvérsias principais que podem ser dadas sobre isso: se a sua proposta é um sistema completo ou não, e se suas ideias permanecem vivas e são aplicáveis hoje. Esta primeira abordagem é feita através de vários autores que defenderão as diferentes posições a esse respeito. Posteriormente, a discussão se concentra no trabalho de Gramsci, entendido no seu contexto histórico e desenvolve as ideias, consideradas pelo autor, mais importantes sobre a categoria intelectuais; discute ainda as categorias de revolução passiva e americanismo, e o conceito de intelectualidade é desenvolvido para a interpretação do intelectual orgânico e tradicional, dentro de um mundo em mudança, onde a inteligência orgânica parece ter importância. Aggio (2010) lembra ainda que no conceito gramsciano de intelectual não se limita ao papel acadêmico, mas para Gramsci, segundo o autor, ninguém, apenas por ser capaz de pensar e desenvolver ideias, é em si um intelectual. Aggio (2010) conclui que as ideias de Gramsci são revolucionárias, que devido o autor interpretar seu momento histórico, algumas de suas ideias perdem força no tempo presente. No entanto, demonstra ainda que a influência de Gramsci hoje,

principalmente após os anos 1970, com a publicação dos cadernos do cárcere.

Os conceitos de revolução passiva e o americanismo representando a revolução passiva no capitalismo, são de particular interesse neste artigo para compreender a importância do papel dos intelectuais no estabelecimento de hegemonias e como agentes culturais, colocando o intelectual em sua visão tradicional como alguém que preserva os costumes, e o intelectual orgânico da classe proletária como um agente de mudança.

Maria Lucia Duriguetto (2014) em “A questão dos intelectuais em Gramsci” também se aprofundará no tema da intelectualidade e sua importância para Gramsci. Duriguetto (2014) destaca o papel de articulador das classes sociais, e seu papel na desconstrução da visão definida para gerar uma reforma intelectual e moral, mas também dá o papel de filósofo para qualquer um, qualquer cidadão, não apenas os acadêmicos que, tradicionalmente, têm sido considerados intelectuais como uma construção do sistema estabelecido. A autora também dá importância para a política como a mediadora entre a filosofia “superior” de intelectual tradicional e bom senso, agente filosofia primitiva. Finalmente destaca o papel que as escolas têm para o fortalecimento de hegemonias e funciona como uma estrutura organizacional e conexão de classes.

O artigo “Intelectualidade, política e produção do conhecimento: desafios ao Serviço Social”, de Ivete Simionatto (2014), pode ser dividido em três partes bem estabelecidas: na primeira ele define o que é o intelectual e qual o seu papel na tomada de decisões ao longo da história, no segundo sua relação com a academia e, numa terceira parte, onde a autora trata diretamente o exercício do serviço social. Resgatando o papel do intelectual ao longo da história, chega a lembrar a categoria gramsciana e como ela explica perfeitamente o papel que os intelectuais têm assumido diferente, enfatizando a utilidade do intelectual orgânico, falando brevemente com as categorias hegemonia e educação. De fato, a última categoria é a que irá desenvolver, mas mais a partir da perspectiva do desafio atual do desenvolvimento gramsciano, embora a influência do autor italiano é claro na proposta, principalmente para o assistente social, resgata a importância da receber uma educação de qualidade, não só em termos de conceitos, mas também na prática e na sua relação com a sociedade

para torná-lo mais justo, aplicação do conhecimento; uma segunda característica é a pesquisa, comprometida com o papel que Gramsci chama o intelectual orgânico como agente transformador e, finalmente, o seu próprio papel profissional e social, gerando mudanças, o que se faz através de seu papel na política, no sentido de transformar a sociedade para torná-la mais justa e igualitária.

Artigo escrito por Giovanni Semeraro (2006), “Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade” desenvolve em detalhe o conceito de intelectual, em Gramsci, superando e atualizando a visão de Marx. Considera nesse processo a leitura da história e da política traduzidas no tempo e considerando a cultura que permeia os diferentes contextos, para que se possa fazer uma justa análise dos tempos pós-modernos. Resgata a importância do intelectual orgânico, como o agente da transformação e defensor de um projeto universalizante, de um novo Estado e de uma nova ordem societária, cujo reconhecimento inicial perpassa o poder das classes subalternas, como sujeitos políticos. O intelectual orgânico define como qualquer homem parte de um conjunto e com funções políticas, afastando-se da visão do intelectual tradicional. Não significa, esclarece Semeraro (2006), que o conhecimento formal constitua um intelectual, para ser um intelectual é exigido mais que isso, mais que um acadêmico o intelectual é alguém mais comprometido com sua própria espécie. O autor, em seguida, descreve o mundo pós-moderno, que durante as últimas décadas tem se desenvolvido e onde as classes trabalhadoras veem suas ações como necessárias, mas a tecnologia está dando maior destaque à máquina, que está substituindo o homem. Retrata ainda o papel do intelectual tradicional, como aquele que realiza as funções pragmáticas, burocráticas a serviço da hegemonia das classes dominantes, que se atualiza e, no contexto, pós-moderno é um administrador de sensações, um sedutor, ao se utilizar do fantasmagórico cenário da vídeo-esfera. Finalmente, ele enfatiza que a importância do intelectual orgânico permanece válida, que ele deve assumir esse papel, e que a mensagem emocional nunca pode substituir a relação do partido com suas bases, que é um espaço que ganha relevância e importância ainda maior nessa sociedade pós-moderna. Destaca ainda que no Brasil, os intelectuais orgânicos nos últimos anos, fazendo referência aos anos finais do século XX e aos primeiros anos do

século XXI, se viram convertidos “[...] ‘funcionários’ de partido e a gerentes técnico-administrativos dos aparelhos do poder governamental. (SEMERARO, 2006, p. 388). Diante do exposto, importante destacar que o artigo incide em algumas categorias que podem ser consideradas âncoras para a construção da argumentação do autor. Sendo elas as categorias história, política, cultura e classes subalternas. A análise do papel dos intelectuais não foge ao enfrentamento das oscilações da história, das particularidades da política e do substrato cultural, como partes inerentes aos diferentes contextos em que as classes subalternas, na visão do intelectual orgânico, devem irromper-se contra a hegemonia das classes dominantes, como sujeito coletivo portador da universalidade ético-política.

Finalizando a análise do conjunto de artigos que incidiram sobre a categoria teórica ‘intelectual’ como central, o artigo “II Príncipe e seus contratempores: De Sanctis, Croce e Gramsci” de Alvaro Bianchi e Daniela Mussi (2013) faz uma análise da interpretação dos autores citados, apontando suas divergências e pontos de inflexão ao se referir ao Renascimento, oscilando neste caso entre uma visão deste movimento como progressista e ou conservador. Para tanto, necessário foi realizar uma exegese, em torno do Renascimento, enquanto potencial mobilizador da transformação, da formação dos Estados Nação, do projeto modernizador, e da expansão mundial, ao considerar determinados países europeus como Espanha, Portugal, Inglaterra, e em especial, a França. E, como movimento reacionário e repressivo, ao se analisar a Itália. Para tal afirmação, o artigo retomou a interpretação de Gramsci sobre o Renascimento, onde este movimento aparece caracterizado em dois momentos.

‘O Renascimento é um movimento de grande porte, que se inicia depois do ano 1000, do qual o Humanismo e o Renascimento (em sentido estrito) são dois momentos conclusivos, que tiveram na Itália seu desenvolvimento principal, enquanto o processo histórico mais geral é europeu e não apenas italiano’. (Q. 17, § 3, p. 1909). (BIANCHI; MUSSI, 2013, p. 34).

Com essa conotação, Bianchi e Mussi (2013) tecem as divergências e pontos de inflexão entre De Sanctis, Croce e Gramsci, confrontando-os a visão de Maquiavel e de seu moderno príncipe. A partir desta aproximação situam Gramsci mais próximo a De Sanctis, ao considerar que este autor aproxima

tem uma visão mais ampla do papel dos intelectuais em face das classes populares, uma visão ‘nacional’ e menos policial. Crítico da posição de Maquiavel que intentara a [...] unidade entre ciência e política a recuperação da unidade entre o mundo do espírito e o mundo da vida prática” (BIANCHI; MUSSI, 2013, p. 33), Gramsci também rejeita a visão de Croce para o qual a visão do conjunto (mundo do espírito e mundo da vida prática) da Itália poderia se alcançar por meio de uma investigação da história das ideias e dos intelectuais uma investigação sobre a história das ideias e dos intelectuais na península. Assim, a recuperação do entendimento de Gramsci sobre o Renascimento e de sua relação com uma posição reformista; ou seja, com a noção gramsciana do renascimento, em seu sentido estrito, e sua relação com a noção de reforma, como fundamentais para a interpretação da Itália, compareceram, no decorrer do artigo, como as categorias teóricas gramscianas âncoras da argumentação dos autores, em vista da sustentação dos pontos de divergência e confluência entre De Sanctis, Croce e Gramsci diante da interpretação de Maquiavel sobre o Moderno Príncipe.

Diante do conjunto de artigos que incidiram sobre a categoria intelectuais como categoria central, verificou-se em Martins (2011) o conceito de hegemonia aparece vinculado ao papel dos intelectuais nos diferentes espaços da organização da vida social. Destes há um destaque à escola em seu papel de transferência de valores da classe dominante para as classes dominadas e, neste sentido, o papel dos intelectuais orgânicos, construir os valores contra-hegemônicos nas classes subalternas e conseguir forjar a revolução que reverta a hegemonia estabelecida. Em Santos (2009) o conceito de intelectual orgânico, aparece vinculado ao de cultura para retratar o papel deste intelectual na sua organização. De forma semelhante a Martins (2011) Santos (2009) discute a categoria educação, detalhando o funcionamento do movimento estudantil e explicando seu papel no processo de construção da hegemonia das classes subalternas. Aggio (2010) destaca o americanismo representando a revolução passiva no capitalismo. Neste processo, destaca a importância do papel dos intelectuais orgânicos no estabelecimento de hegemonias, como agentes culturais, organizadores das ações de mudança. Duriguetto (2014) aponta para a importância da política como a mediadora entre a filosofia “superior” de intelectual

tradicional e o bom senso, agente filosofia primitiva. Tal como Martins (2011), Duriguetto (2014) destaca o papel que as escolas têm para o fortalecimento de hegemonias e apontando-as como uma estrutura organizacional e de conexão de classes. Simionatto (2014), como Sanos (2009) aproxima as categorias hegemonia e educação e, como Martins (2011) e Santos (2009), destaca o papel do intelectual orgânico como agente transformador e, finalmente, o seu próprio papel profissional e social, gerando mudanças, dando ênfase ao papel da política, nesse processo. Em Semeraro (2006) comparece o papel dos intelectuais na história e da suma importância de se considerar nesse processo oscilações e particularidades da política e da cultura. Para Semeraro (2006) tal como para os demais autores que discutiram o papel dos intelectuais orgânicos, estes devem irromper-se contra a hegemonia das classes dominantes, como sujeito coletivo portador da universalidade ético-política. Neste caso, tal como em Simionatto (2014) a política exerce o papel de mediação. Em Bianchi e Mussi (2013) – se recupera a noção de Renascimento e de reforma em Gramsci, para confrontar as posições teóricas De Sanctis, Croce diante da interpretação de Maquiavel sobre o Moderno Príncipe, no sentido de apontar as contradições entre o Renascimento como movimento progressista e como restaurador da ordem, reacionário e repressivo, em sua particularidade italiana. Assim, importante destacar o elemento histórico para confirmar a exegese do autor sardenho e apontar a atualidade sem desconsiderar a particularidade de sua obra. Compreensão esta fundamental para uma justa análise do papel dos intelectuais orgânicos nos diferentes blocos históricos em face do confronto das hegemonias das classes dominantes, nos diferentes contextos.

O artigo ‘A geopolítica do sistema de estados e o capitalismo global em questão’, de autoria de Adam David Morton (2007), tem como objetivo central dialogar com as reflexões já feitas por Alex Callinicos, através da leitura que Gramsci faz da teorização das relações entre o sistema de estados e o capitalismo.

Morton (2007) demonstrou a relevância de Gramsci para a teorização das relações entre o sistema de estados e o capitalismo, por meio de dois pontos, este já estudados por Hobson. De acordo com Morton (2007, p. 46), o primeiro sendo como nos sistemas de estados opera a reprodução do capitalismo; e o segundo como as relações de classe são moldadas tanto

pelo capitalismo enquanto modo de produção quanto pela geopolítica. É o conceito de revolução passiva de Gramsci que Morton (2007), utiliza como base teórica para sua discussão. Conforme Morton (2007, p. 46), a teoria da revolução passiva permite compreender tal dinâmica, bem como destaca a contínua relevância do desenvolvimento desigual como pano de fundo das divisões sociais da ordem mundial. No decorrer do texto identifica-se que Morton (2007) recorreu a Gramsci, na fonte para dar sustentação aos seus argumentos e, como um dos resultados de seu trabalho, destaca a importância da obra gramsciana para a compreensão de fenômenos globais. Desse artigo, verifica-se a atualidade do pensamento de Antonio Gramsci para pensar o mundo humano, e em especial, o conceito destaca o conceito de revolução passiva como chave de leitura para pensar o Ocidente.

CONCLUSÃO

Importante destacar, que do conjunto dos artigos analisados, destaca-se o conceito de hegemonia como chave de leitura com maior incidência entre o universo pesquisado, e a articulação do papel dos intelectuais como mediadores na histórica, por meio da política e da cultura, em que pese a educação e em especial a escola, como um lugar privilegiado para o agir ético-político dos intelectuais orgânicos em relação com as classes e grupos subalternos, donde se pode, em confronto ao projeto hegemônico das classes dominantes, forjar meios para a organização da hegemonia das classes subalternas, e a construção de um projeto nacional-popular.

Para tanto, do ponto de vista da análise desta realidade histórica, política e cultural em sua relação com a base econômica, as noções de trabalho, taylorismo e fordismo são cruciais, considerando as correlações de forças sociais, como expressões da hegemonia industrial e ainda o conceito de revolução passiva, como chave de leitura para pensar o ocidente, donde o americanismo é uma das suas expressões históricas particulares, nesse contexto de disputas pela hegemonia, no capitalismo.

A partir da realização deste trabalho, com os resultados alcançados conforme apresentados nos diferentes itens e em sua conclusão, constatou-se que a diversidade de abordagens presentes na produção de conhecimentos a partir dos referenciais gramscianos

e a consequente diversidade de categorias centrais e âncoras para a construção das análises que se propõem, uma vez sistematizadas no pensamento, expressam a unicidade da obra do autor sardenho, e, neste trabalho, vêm reforçar este fundamento, como ponto de partida efetivo para a construção de novas análises à luz de seu pensamento. Tem-se aqui a nítida impressão da riqueza categorial e das múltiplas mediações de seu pensamento, ao desnudar os misticismos que ancoram a hegemonia burguesa, no capitalismo e ancorar, efetivamente, as possibilidades de transformação, mediante a elaboração de um projeto nacional-popular, construído nas e com as classes e grupos subalternos, uma vez que sejam eles reconhecidos como sujeitos coletivos e agentes da transformação e, mais ainda, quando estes sejam capazes de se reconhecer como tais.

Da multiplicidade à unidade – verifica-se a formação e reprodução de um pensamento que *em si e para si* fornece à humanidade como um todo, um conjunto de mediações teórico-práticas, necessárias à concretização histórica de uma nova ordem societária. Para tanto, Gramsci considera as oscilações da história, as mediações da cultura e uma aposta na política como mediadora do projeto de transformação. Seu fundamento ético-político se constitui na liberdade real dos homens, mediante a plena satisfação de suas necessidades e aspirações coletivas.

REFERÊNCIAS

- AGGIO, Alberto. A “classicidade” de Gramsci e o tema dos intelectuais. **Anos 90**. (UFRGS), Porto Alegre, v. 17, n. 32, dez. 2010, p. 75-91. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/download/22337/14053>. Acesso em: 09 set. 2018.
- BIANCHI, Alvaro; MUSSI, Daniela. II Príncipe e seus contratempos: De Sanctis, Croce e Gramsci. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 12, dez. 2013, p. 11-42. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n12/n12a02.pdf>. Acesso em: 09 set. 2018.
- BRASIL, International Gramsci Society do Brasil. **Mapa Bibliográfico do Gramsci - IGS/Brasil**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://igsbrasil.org>. Acesso em: 10, jan. 2017.
- DEL ROIO, Marcos. Gramsci e a emancipação do subalterno. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, 29, nov. 2007, p. 63-78. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n29/a06n29.pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.
- DURIGUETTO, Maria Lúcia. A questão dos intelectuais em Gramsci. **Revista Serviço Social e Sociedade**. São Paulo, n. 118, abr./jun. 2014, p. 265-293. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ssoc/n118/a04n118.pdf>. Acesso em: 03 maio 2018.
- GALASTRI, Leandro. Classes sociais e grupos subalternos: distinção teórica e aplicação política. **Crítica Marxista**, São Paulo, v. 39, 2014. p. 35-55. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo2015_11_09_16_27_2082.pdf. Acesso em: 25 maio 2018.
- MARTINS, Marcos Francisco. Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política. **Revista Pro-Posições**, Campinas/SP, v. 22, n. 3, dez. 2011, p. 131148. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v22n3/10.pdf>. Acesso em: 12 maio 2018.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- MORTON, Adam David. A geopolítica do sistema de estados e o capitalismo global em questão. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, 29, nov. 2007, p. 45-62. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n29/a05n29.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2018.
- NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método em Marx**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- PINTO, Geraldo Augusto. De demiurgo a operário: uma análise gramsciana do trabalho sob o taylorismo/fordismo. **Revista de Estudios Transfronterizos**, Santiago, v. 12, n. 2, julio/diciembre, 2012, p. 133-151. Disponível em: <http://www.sisomosamericanos.cl/index.php/sisomosamericanos/article/view/243/222>. Acesso em: 25 abr. 2018.
- SANTOS, Jordana Souza. Gramsci e o papel dos intelectuais nos movimentos sociais. **Revista Espaço Acadêmico (UEM)**, Maringá, n. 102, nov. 2009, p. 147-153. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7128>. Acesso em: 10, abr. 2018.
- SEMERARO, Giovanni. Da sociedade de massa à sociedade civil: A concepção da subjetividade em Gramsci. **Revista Educação e Sociedade. Campinas**, n. 66, abr. 1999, p. 65-83. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n66/v20n66a3>. Acesso em: 10 set. 2018.
- _____. Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 26, n. 70, set./dez. 2006, p. 373-391. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n70/a06v2670.pdf>. Acesso em: 09 set. 2018.
- _____. Gramsci e os movimentos populares: uma leitura a partir do caderno 25. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 126, jan.-mar. 2014, p. 61-76. Disponível em: <https://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 09 set. 2018.

SIMIONATTO, Ivete. Classes subalternas, lutas de classe e hegemonia: uma abordagem gramsciana. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan. 2009, p. 41-49. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v12n1/06.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2018.

_____. Intelectualidade, política e produção do conhecimento: desafios ao Serviço Social. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 117, mar. 2014, p. 7-21. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0101-66282014000100002&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 25 maio 2018.

VIEIRA, Carlos Eduardo; OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Thompson e Gramsci: história, política e processos de formação. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas/SP, v. 31, n. 111, jun. 2010, p. 519-537. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n111/v31n111a12.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2018.